

Lizete Maria Rubano

Tecidos Habitacionais em Amsterdã

Resumo

Este trabalho sistematiza informações acerca da constituição de alguns dos tecidos habitacionais de Amsterdã, considerando períodos significativos na história da cidade.

Examinar estes desenhos e espaços no tempo, permite-nos identificar algumas raízes de uma certa “tradição” de projeto, de desenho de quadra, de significados atribuídos aos espaços públicos, coletivos e privados, que nos parece ser uma referência fundamental para os projetos contemporâneos.

Interessa-nos observar, TENDO COMO FOCO O PROJETO E O ESPAÇO EDIFICADO, as formas como se traduzem os pensamentos acerca do homem e de sua possível vida coletiva considerando, dada a porcentagem que a habitação representa no meio urbano, a importância que os projetos habitacionais desempenham na caracterização da morfologia de uma cidade.

Com este trabalho interessa-nos, também, pontuar as discussões e precisar os momentos em que as contribuições dos arquitetos e urbanistas definiram ou alteraram idéias fundamentais para o tecido urbano, a partir da experimentação de propostas, como a das cidades jardins, por exemplo, da valorização das discussões voltadas à paisagem da cidade (idéias de Camillo Sitte), da utilização do que preconizava a Carta de Atenas com a dissolução da quadra tradicional e a setorização das funções, da formatação de uma crítica e retomada de intervenções mais contextuais, ou, ainda, a partir das preocupações acerca das cidades contemporâneas.

O objeto central deste trabalho consiste, portanto, em identificar referências, pela história, pelo debate teórico e pela produção, que, de alguma forma, norteiam as proposições contemporâneas que, ora apóiam-se numa tradição cultural e histórica, ora rompem com ela, mas que a têm como referência na busca de uma linguagem, de uma possibilidade de vida urbana contemporâneas, quando, mais uma vez, a questão da moradia aparece como um grande tema, impulsionador de uma discussão acerca da cidade, das relações que nela se traçam e se estabelecem.

Estruturas Residenciais a partir da Evolução Histórica da Cidade

A caracterização de diferentes trechos da cidade de Amsterdã e dos diversos tempos em que eles se constituíram - e que estrutura este texto - segue o proposto por Jörg C. Kirschenmann em seu trabalho “Vivienda y espacio público. Rehabilitación urbana y crecimiento de la ciudad”, publicado em 1985.

Os projetos contemporâneos foram pesquisados em material oficial, publicado pela Administração de Amsterdã e levantados – in loco – em viagem realizada à Holanda em 1997.

A Cidade Pré-Industrial

Edificação Junto ao Rio e aos Diques: Centro de Amsterdã (Idade Média).

Amsterdã, a cidade do Rio Amstel e dos canais, nasceu como um assentamento de pescadores no final do século XII.

O que lhe estruturou o território, dando-lhe o tão peculiar desenho, foram justamente os elementos naturais – rio e terras baixas – e as formas encontradas pelo homem e sua tecnologia – os canais e os diques – para viabilizar a utilização de terras com cota inferior à do nível do mar.

A antiga zona portuária – que caracterizou Amsterdã como cidade comercial de importância na Holanda – corresponde ao que hoje é a principal via do centro da cidade – a DAMRAK e sua praça DAM - situadas bem no eixo da Estação Central.

A ligação entre este porto de água doce e o primeiro dique dava-se mediante ruas estreitas e sinuosas, estruturas de um parcelamento muito irregular: estas vias deveriam ser maximizadas no que se refere a seu aproveitamento, dadas as dificuldades de construção (sobre os diques, acompanhando os canais), surgindo, assim, um parcelamento de lotes estreitos e compridos, o que acabou por viabilizar o acesso de um maior número de casas às ruas e à infra-estrutura.

Lotes de pouca frente também otimizaram a solução da geminação das edificações.

De alta densidade e significativa compactação física, o conjunto de casas construídas, gerou espaços lineares que constituíram um tecido urbano heterogêneo. Vuelas, becos, ruas, canais: praticamente todas as superfícies não edificadas constituíram espaços públicos, visto que as áreas livres intersticiais do interior da quadra eram de dimensões muito restritas.

Edificação Junto ao Canal e à Rua: O Bairro de Jordaan (Século XVII)

Tendo em vista o crescimento econômico da cidade, aprovou-se, em 1607, um plano de expansão urbana com três canais concêntricos: junto a eles os comerciantes edificavam suas lojas e moradias.

Mais a oeste, de traçado mais modesto, sobre antigos terrenos de cultivo criou-se o bairro de JORDAAN, para os trabalhadores e artesãos: foram abertas ruas paralelas e perpendiculares aos canais e o parcelamento deixou-se em mãos de comerciantes especuladores.

Os únicos alinhamentos que se estabeleciam eram em relação aos canais. Na parte posterior das edificações não havia limite de construção, resultando terrenos ocupados quase por completo: as construções tinham, em geral quatro pavimentos e, a elas, eram acrescentados anexos, adendos que praticamente não deixavam espaço livre no interior da quadra.

A estrutura urbana continuou definindo-se por uma combinação entre terrenos privados ocupados com moradia e comércio e áreas de circulação públicas, constituídas por uma trama composta por canal, rua paralela e rua perpendicular, configurando uma hierarquia: instalações sociais, os grandes negócios e as casas dos mais abastados junto aos canais; as oficinas, os armazéns e as habitações mais simples nas ruas paralelas e nas transversais, onde também se localizavam os comércios menores.

Uma morfologia de nova ordem que aparece no bairro Jordaan é a do HOF : a disposição dos edifícios dá-se mediante um bloco fechado ou semi-aberto, configurando um espaço enclausurado (remetendo-nos às construções setecentistas do clero).¹

Industrialização e Urbanização (Séculos XIX e XX)

O apogeu econômico de Amsterdã terminou ao redor de 1700.

Depois de um período de estagnação e de uma seqüência de guerras, uma série de intervenções foram realizadas, isto já em meados do século XIX: foram construídas a linha de ferro até o porto –1839 - e a Estação Central – 1889, além de teatros, museus e hotéis . Houve o desenvolvimento do comércio e da indústria .²

O capitalismo moderno implementa-se, na Holanda, por volta de 1870 e Amsterdã chega a ter, neste período, 500.000 habitantes.

Os anos posteriores a 1870 também foram marcados pelo surgimento de novos bairros de trabalhadores, situados além do Singelgracht (o último dos canais concêntricos). A cidade necessitava de trabalhadores e os trabalhadores precisavam de casas. A qualidade das edificações e da vida não era, entretanto, prioridade.

Pouca era a oferta de habitação aos trabalhadores que vinham do campo para a cidade e as condições habitacionais anteriores a 1900 podem ser conhecidas a partir do trabalho de GRINBERG(1982), que as elencou cuidadosamente, caracterizando sua precariedade, além de destacar as primeiras manifestações do que viria a ser a política habitacional da Holanda a partir de 1902 e algumas das organizações espaciais que viriam a ser redesenhadas em outros momentos (a casa em fileira, por exemplo, com as diferenças de função e tratamento dos espaços frontal e posterior).

Casas de Inquilinos: O Bairro de Oosterpark (Final do Século XIX)

A constituição do tecido do bairro de Oosterpark deu-se a partir das ruas principais e secundárias, formando uma trama de acesso aos edifícios de 4 a 6 pavimentos que ocupavam o perímetro da quadra. Tirando-se as vias, o restante era tarefa dos promotores privados. Os lotes permanecem estreitos – 6,00m – com profundidade variando de 12 a 15,00m .

Os térreos tinham acesso independente e seus moradores apropriavam-se dos jardins posteriores de forma particular. Há aqui, o tratamento diferenciado das elevações: a frontal, mais sóbria, voltada à rua pública e a do pátio interno, de uso privado , mais modesta e dotada de balcões.

Há situações de comércio, em parte do pavimento térreo das edificações e pode ser observado o tratamento diferenciado das esquinas nas quadras contíguas à IEPEN – PLEIN.

A ocupação já não é tão densa quanto a do bairro Jordaan e nem quanto a da área central

O Ato Habitacional de 1902: Uma Reforma Nacional

Uma grande epidemia, no final de 1840, colocou a questão das precárias condições de moradia da grande maioria da população trabalhadora como estando diretamente associada à saúde pública.

O Ato Habitacional foi introduzido na Segunda Câmara em 1899, em 1901 foi aprovado e começou a vigorar em 1º de Agosto de 1902, depois da aprovação final pela Coroa:

“ O Ato Habitacional não representa somente uma regulamentação construtiva para o país, mas também uma importante mudança nas relações de poder entre municipalidades e o governo nacional” . (GRINBERG, 1982, p.36).

A partir do *Housing Act*, a habitação de interesse social não será mais produzida, no montante em que vinha sendo, pelo mercado especulativo: a lei autoriza a Coroa a reconhecer Associações de Construção que, através das municipalidades reforçadas e autônomas, receberiam recursos subvencionados do Estado.

Uma destas Associações – a ROCHDALE (nome dado em homenagem à primeira cooperativa de consumo que apareceu na Inglaterra em 1844), fundada em 1903 em Amsterdã, apoiava o Ato Habitacional e o via como instrumento importante para implementar os movimentos cooperativos (em 1906 eram 14 as associações admitidas e as concessões de subsídio permitidas. Já em 1922, este número passou para 1.341).³

“ O incremento no número e no poder dos comitês de construção, quer no das Associações ou das autoridades municipais de habitação teve importantes implicações no papel que os arquitetos teriam, mais tarde, nos projetos habitacionais.

O consenso na estrutura de decisão dando ênfase ao todo, mais que às partes e a mais que ocasional proximidade dos comitês de construção aos habitantes, foram chaves para a alteração da percepção dos arquitetos acerca da moradia. Foi neste contexto, de projetos habitacionais para cooperativas e municipalidades que os arquitetos mais fortemente desenvolveram o significado simbólico e funcional da comunidade”. (GRINBERG, 1982,p. 38).

Outro aspecto fundamental do Ato foi o que regulamentou o planejamento das cidades com mais de 10.000 habitantes e/ou com crescimento populacional de 20% nos 5 anos anteriores ao plano.

“Aparecendo numa época em que as idéias de Camillo Sitte estavam se tornando muito populares, o Ato reforçou a crescente tendência de pensar habitação como parte básica na produção da cidade”. (GRINBERG, 1982, p.38).

O *Housing Act* é considerado até hoje, por alguns dos estudiosos da arquitetura habitacional holandesa, como um dos mais completos instrumentos de política urbana e habitacional, dado que seu alcance sempre foi muito maior que o de viabilizar políticas quantitativamente satisfatórias às demandas: representou um instrumento no sentido de uma melhor distribuição de renda (com as desapropriações de interesse social e as políticas de subsídio), além de viabilizar o acesso mais democrático ao espaço urbano com qualidade:

“(…) a lei de 1901 é um passo de gigante na sua época: controle municipal, créditos, higiene e promoção da habitação entram, desde então e pela primeira vez, em cheio na política. Desde então, a Holanda será a Meca do incipiente século XX para os construtores de habitação.

Ao calor da Lei de 1901, a iniciativa do alojamento passou da casa particular à casa coletiva, ao bairro, ao conjunto”. (JUSTO ISASI A&V 19(1989), pp.24-25).

Edificação Residencial no Bairro Rivieren (Anos 20)

O primeiro Plano para Amsterdã Sul - *Plan Zuid* -, de expansão da cidade, foi concebido por H. P. Berlage em 1904 e aprovado pelo Conselho Municipal em Janeiro de 1905.

Dificuldades para a efetiva realização do plano passavam pelo fato dele implicar em um programa de extensa desapropriação, em haver, na área, uma zona industrial e por incluir trechos que não pertenciam aos limites administrativos do poder municipal.

A não implementação do plano levou Berlage a revê-lo, dez anos depois, e alterá-lo conforme as recomendações feitas pelo *Housing Act* : em 1915 ele apresentou uma versão totalmente nova, que foi aprovada dois anos depois.

A idéia de fragmentos, com as pequenas unidades de vizinhança e as ruas curvas que apareciam no plano anterior, foram substituídas por eixos retilíneos e longos, marcados por formas mais regulares, marcados, em alguns momentos, pela simetria.

Apesar destas alterações bastante significativas,

“o plano de expansão de Berlage era uma visão urbanística que refletia as influências de Brinkmann, Sitte e Unwin. A rua, os blocos habitacionais e as construções especiais como pontos de destaque eram os elementos básicos. Para Amsterdã, o plano continha uma gradação de espaços abertos ainda não obtida nesta escala”. (GRINBERG, 1982, p. 43).

Em Amsterdã Sul, duas seqüências de grandes vias (Vrijheidslaan, Rooseveltlaan, Diepenbrockstaat Wielingen Straat, Stadioweg e Vrijheidslaan, Churchillaan, Apollolaan, Olympiaweg) - traçadas no sentido leste-oeste - ligam o rio Amstel ao Estádio. As demais

vias do bairro Rivieren, dada a forma como estão desenhadas e alinhadas, representam uma gradação na hierarquia que vai das locais às de maior fluxo.

Há ruas que não chegam na principal e que, por isso, são mais residenciais e tranquilas. Têm um aspecto homogêneo, obtido pela paisagem configurada pelas edificações dispostas perimetralmente nas quadras fechadas.

Aqui, mais uma vez, as unidades térreas desfrutam de um jardim privado e as dos pavimentos superiores, dos balcões, voltados ao interior da quadra.

Além disso, a esquina, outro elemento marcante das quadras fechadas, é também valorizada pelo tratamento dado à volumetria, pela alteração do gabarito das edificações neste ponto e pelo uso comercial.

A idéia de espaços livres, cercados por construções é apresentada, no plano de Berlage em detrimento dos jardins abertos diretamente para as ruas: é valorizada a idéia de espaços circundados, protegidos, além da disposição das casas em longas fileiras não interrompidas por ruas.

O bloco residencial, e sua relação com as vias e as quadras, viabilizaria espaços urbanos contrários ao que Berlage definia como degeneração da forma, causada pelos lotes ocupados por construções isoladas.

Sua ligação ao Partido Social - Democrata, em 1894, levou-o a elaborar cada vez mais a questão da busca de uma expressão simbólica para os assentamentos de trabalhadores, acreditando que a imagem da cidade, formada pela padronização e que repetia unidades habitacionais, seria uma válida e representativa estética da classe trabalhadora. ⁴

Esta reflexão coincidiu com a presença do expressionismo na Holanda, que caracterizará a produção da chamada Escola de Amsterdã.

Habitação Junto ao Canal de Amstel e Junto à Vrijheidslaan: Escola de Amsterdã

As proposições estéticas da Escola de Amsterdã associadas às determinações urbanísticas determinadas pelo Housing Act resultarão no que Bruno Taut descreveu como a mais importante contribuição holandesa à arquitetura moderna (depois de visitar os novos distritos de Amsterdã em 1929):

“Embora muitos dos detalhes destas construções sejam arbitrários, o milagre, na verdade, aconteceu, isto é, a criação de uma arquitetura coletiva na qual não é mais a casa individual que tem uma importância especial, e sim a coletiva reunião de uma série de ruas numa unidade compreensiva, ainda que séries semelhantes tenham sido trabalhadas por diferentes arquitetos” . (CASCIATO citando Bruno Taut – pp. 23 - 24).

Esta idéia de conjunto deve ser ressaltada: através do Ato Habitacional, associado ao Ato de Saúde Pública (que monitorava a qualidade higiênica das novas casas) e ao Código de Edificações de Amsterdã (de 1905), foram fixadas várias regulamentações restritivas. Entre elas, a de que as fachadas apresentassem aspectos diferentes, de acordo com o ritmo das escadas que deviam ser locadas na frente , sendo o número de unidades habitacionais, atendidas por cada escada, o menor possível. Isto fez resultar muitas circulações verticais e portas na elevação da rua. Além disso havia a dimensão mínima fixada para os pátios, entre edifícios, o que levou a que

“(…) os arquitetos fossem forçados a trabalhar com uma nova tipologia para os blocos habitacionais, gerando, como consequência, o bloco perimetral em volta de um pátio interno. E um arquiteto poderia ser comissionado a desenhar um dos lados de um bloco. Os jardins nos pátios, com as casas a seu redor, eram algumas vezes públicos, mas usualmente privados. Estes elementos produziram em Amsterdã, mais do que em outras cidades, uma unidade de tipo e módulo, que a escola de Amsterdã também usou para a unidade estilística e construtiva” . (CASCIATO, 1996, p.23).

A realização desta idéia pode ser observada, entre outros locais da cidade, no trecho inicial (e nobre) do plano de Berlage para Amsterdã Sul: junto ao rio Amstel, tendo a via Vrijheidslaan como eixo central, foram implantados uma série de edifícios residenciais (para a classe média) perimetrais, com pátios fechados contendo jardins.

“Os edifícios que margeavam as ruas principais deveriam ter quatro pavimentos, acrescidos de um ático, os das ruas laterais, um pavimento a menos. Estas demandas eram obrigatórias,

então os arquitetos eram somente solicitados a desenhar as fachadas (a cada arquiteto coube uma faixa de elevação urbana correspondente a 25-30 lotes – CASCIATO p. 143). (...) . Contudo, as fachadas, um sofisticado e animado conjunto de feições padronizadas, apresentavam sutis distinções dentro da uniformidade, o que de fato fez do desenho do distrito ABV (Amstels Bouwvereniging at Vrijheidslaan) um dos mais felizes da Escola de Amsterdã” . (CASCIATO, 1996, pp.142,143 e 144).

Casa, Rua e Jardim: Betondorp (Anos 20)

“Em janeiro de 1921 a municipalidade de Watergraafsmeer tornou-se um distrito de Amsterdã e possibilitou a expansão da cidade para o setor leste” . (CASCIATO, 1996, p.209).

O diretor do Departamento de Habitação de Amsterdã Arie Keppler via, no desenvolvimento de projetos para esta nova área, a possibilidade de implementar idéias preconizadas pelo modelo de cidade-jardim. Ou seja, conforme GRINBERG (1982), pode-se dizer que a idéia das garden cities na Holanda apareceu frente a situações de planejamento e construção de extensões da cidade.

Em Betondorp, associadas a um traçado composto por quatro ruas diagonais que confluem para um centro, formando uma praça, estavam as edificações, construídas em concreto : 900 unidades habitacionais. Junto à praça central foram implantados edifícios de uso coletivo, lojas e moradia para idosos.

Todas as casas têm seus jardins posteriores e os pátios internos podem ser acessados pela rua.

Entre as vanguardas holandesas, entretanto, as preocupações sociais eram muito significativas. O individualismo (que a casa unifamiliar aparentemente reforçava) deveria ser combatido: estava associado ao passado.

Ao novo correspondia o que era universal e o que poderia caracterizar uma nova cidade de um tempo atual onde, a moradia dos trabalhadores assumiria o grande papel de representação de uma sociedade mais justa e a espacialização desta idéia distanciava-se da proposta de subúrbio e de afastamento dos centros a que se filia a concepção das cidades jardins.

Da Quadra Residencial à Fileira de Blocos Residenciais – Bos en Lommer (Anos 30)

A busca do espaço universal, ou espaço contínuo, passou pelas condições absolutamente iguais de insolação, pela uniformização entre espaços dos fundos e espaços da frente.

“(...) O resultado é um ambiente sem polaridades, contradições ou variedade”. (GRINBERG, 1982, p.106).

Segundo KIRSCHENMANN (1985), com Bos en Lommer começou , em Amsterdã, a dissolução do espaço tradicional da rua e da tradicional quadra residencial.

Há ruas que dão acesso às unidades habitacionais mas também há outras que, agora, aparecem junto às áreas de balcões privados e zonas de vegetação (que, anteriormente, configuravam o espaço interior constituído pelos blocos perimetrais).

As quadras são divididas em duas partes, deixando-se abertas, livres as laterais.

Além disso, os distintos usos já não são partes integrantes de uma forma urbanística comum.

As funções são fragmentadas.

Edificação Livre e Fluxo do Espaço: Geuzenveld (Anos 50)

A partir dos anos 30 a influência das discussões dos CIAM tornou-se mais significativa na Holanda.

O Plano Geral de Expansão de Amsterdã já responde aos postulados monofuncionais da própria Carta de Atenas.

Conforme KIRSCHENMANN (1985), aumentam-se as densidades, nas zonas residenciais não ocorrem mais as interações essenciais que geram a cidade, a função das ruas reduz-se a dar acesso a superfícies edificadas e hierarquizadas segundo o tráfego, as disposições de tipos padronizados de habitação, voltadas ao sol, convertem-se, agora, nas categorias do urbanismo. O espaço da rua está eliminado e o espaço da paisagem se fundirá através das ruas com as zonas verdes. Uma paisagem verde, um parque. Não há valorização dos elementos da morfologia da cidade tradicional, através de, por exemplo, uma configuração particular das esquinas.

A divisão entre frente (rua) e fundos (jardim e pátio) é substituída por frente (jardim e fundos (entrada e quartos). A edificação livre e o fluxo do espaço convertem-se nos elementos de ocupação e expansão da cidade.

Vale dizer que boa parte das habitações existentes na Holanda (44% delas) são edificadas até 1965 (entre 1946 e 1965).

Logo após o fim da Segunda Guerra, foi criado o Ministério de Obras Públicas e Reconstrução que ficou responsável pela reconstrução das fontes de riqueza públicas, pela reparação provisória das habitações existentes e pela construção de novas. Até 1954 estava realizada a maior parte dos 250 projetos de reconstrução.

Foi a visão da cidade funcionalista, preconizada pela Carta de Atenas, que acabou por reger muito da produção dos tecidos habitacionais nas cidades europeias no pós-guerra. Na Holanda não foi diferente.

Entretanto, já na década de 50, foi formulada uma crítica basicamente à idéia de que a cidade tradicional, com sua morfologia característica, seria inadequada aos novos tempos e que, por isso, teria que ser radicalmente alterada no que ela tinha de mais estruturador: a relação entre as quadras, a implantação dos edifícios nelas e as ruas, a complexidade e vitalidade das funções simultâneas num mesmo espaço e a diferenciação precisa entre espaço público, coletivo e privado, entre outros fatores:

“Alison e Peter Smithson, Aldo van Eyck, Jacob Bakema, George Candilis, Shadrach Woods, John Voelcker, William Howell e R. Gutmann começaram a criticar o esquematismo da Carta de Atenas, reivindicando que se mudasse o tema do Congresso para – o ‘Habitat’ – que fosse introduzido o conceito de ‘identidade’ e se investigasse acerca dos princípios estruturais do crescimento urbano. A velha guarda (...) propôs a estes jovens, (...), que preparassem o X CIAM, também dedicado ao ‘Habitat humano’, que será já o último”. (MONTANER, 1993, p.30).

Na Holanda, esta vertente crítica à cidade funcionalista será representada pelo grupo FORUM, que defendia a valorização da vida doméstica e de uma arquitetura comprometida com os usuários. O apogeu do grupo deu-se nos anos 60, quando Eyck, Hertzberger e Bakema compunham a equipe editorial da revista de mesmo nome. Paul de Ley, Lucien LaFour e Theo Bosch engrossaram-no com uma prática profissional voltada à valorização do que achavam que deveria ser a melhor e mais duradoura herança da arquitetura moderna: seu compromisso com os temas sociais, com a habitabilidade e com a utilidade. Arquitetura como exaltação da vida cotidiana.⁵

Habitação e Macro-Estrutura: Bijlmermeer (1962 -1973 – Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Amsterdã)

A 8Km do centro de Amsterdã foi implantado um conjunto para 100.000 habitantes.

Até meados do presente século, as expansões haviam se situado concentricamente ao redor do centro urbano formando densos cinturões de edifícios com pequenos parques urbanos.

O projeto de Bijlmermeer, extenso distrito residencial foi implantado em área distante e em campo aberto.

A escala não é mais a da quadra conhecida: o hexágono que estrutura a trama dos edifícios de 10 pavimentos tem 750,00m de extensão! As galerias mais de 600,00m.

Ao nível do solo acontecem as zonas verdes, os caminhos de pedestres e de bicicletas. As vias principais de automóveis são elevadas.

Aqui, como no bairro descrito anteriormente, a rua e a edificação residencial (elementos do urbanismo histórico condicionados mutuamente), tornam-se independentes, realizando-se o planejamento do tráfego de forma completamente separada da produção de habitação.

Mesmo que estando constituindo-se na Holanda, desde os anos 50, como foi apontada, uma crítica a este desenho de cidade, a esta forma de se constituir tecidos habitacionais urbanos, Bijlmermeer é uma demonstração do pensamento funcionalista: pelas críticas que recebeu (e de que é alvo até hoje), pelos problemas sociais que enfrenta, acabou tornando-se um anti – modelo de núcleo habitacional.

No texto - “Produção e dissolução da imagem da cidade” - Wim Nijenhuis (revista projeto nº151, de abril de 1992), recuperando a crítica a estes megaconjuntos construídos em Amsterdã (e mostrando vários de Carel Weeber, edificados nos anos 70), ressalta o que poderia ser seu fundamento teórico:

“Os arquitetos desejavam uma mudança na expressão arquitetônica, de tal maneira que a forma arquitetônica (e finalmente a forma urbana) se tornasse um signo, um portador de significado” .(Nijenhuis, 1992, pp.61-62).

Também sistematiza o que chamou de ASPECTOS ESTÉTICOS DO PLANEJAMENTO URBANO e que nortearão novas proposições espaciais na Holanda dos anos 70:

A questão da identidade territorial: os habitantes deveriam ter meios de identificar-se com o espaço urbano;

A questão da identidade social: o espaço público urbano deveria possibilitar, cada vez mais, encontros sociais;

A questão do coração da cidade: a área central deveria ser perfeitamente identificável;

A questão do estabelecimento de um padrão básico: espaços flexíveis de tal modo que pudessem absorver mudanças de pequeno porte sem comprometer o próprio padrão;

A questão da emancipação cultural: participação no processo de planejamento, que conduziu à institucionalização das consultas públicas e participação no espaço público urbano, que levou a questionamentos da forma arquitetônica;

A questão do tempo livre: possibilidades específicas para arquitetura de cunho social, tendo em vista a utilização do crescente tempo livre. (Nijenhuis, 1992).

“Para concluir, pode-se dizer que na década de 70 a arquitetura na Holanda pretendeu a eliminação da alienação social e territorial, por meio da imagem arquitetônica” . (Nijenhuis, 1992, p.64).

Intervenções Contemporâneas

Associados a uma série de renovações de edifícios antigos, que aconteceram na década de 80, foram realizadas novas intervenções no interior da trama urbana existente: ora edifícios únicos geminados a outros históricos, ora um conjunto de blocos que, dada a escala maior de intervenção, acabaram constituindo trechos significativos de um bairro.

Outras vezes, com a conquista de novos territórios, como o que aconteceu no norte de Amsterdã, foram necessários planos de ocupação, com parcelamento, arruamento e projetos de edifícios desenvolvidos por um conjunto de arquitetos.

Interessa-nos, ao observar intervenções em cada uma das situações urbanas diferenciadas, verificar o que da tradição histórica, das proposições do movimento moderno, das críticas dos anos 60 e das experimentações contemporâneas, pode ser observado em cada um dos projetos.

Vale dizer que apenas pontuaremos alguns dos aspectos ligados à implantação, ao programa e às decisões estéticas, dado que, a caracterização mais precisa das opções projetuais seria um trabalho mais extenso.

Situações Urbanas

São diversas as situações urbanas em que se situam os novos projetos de intervenção, que têm como item central a provisão de moradia, associada aos equipamentos de apoio.

Existem, em regiões consolidadas da cidade, pequenas áreas vazias, que assim permaneceram ou que tiveram suas edificações destruídas, onde ocorreu uma intervenção bastante pontual – um único edifício novo geminado a dois outros existentes, por exemplo.

Em outras situações, estas pequenas áreas pulverizam-se por quadras em parte ocupadas, colocando, ao arquiteto, o desafio de compor um “conjunto” de edifícios novos com os existentes, em um território de descontínuos vazios.

Há, ainda, casos em que, dada a dimensão da área livre, foi possível - aos arquitetos - trabalhar uma escala de edifício de maior porte, demarcando com o novo projeto, novas possibilidades urbanas (novas áreas públicas e coletivas) e/ou até reforçar elementos da própria geometria da quadra (esquinas, confluência ou inflexão de ruas, etc).

Também existem intervenções em áreas não tão consolidadas (ou com urbanização precária), onde o novo projeto teve que enfrentar o desafio de contribuir à caracterização de um lugar que, até então, apresentava-se bastante anônimo.

Por último, vale destacar os novos territórios, conquistados do mar ou revitalizados, objetos de projetos na escala do parcelamento, como veremos no caso de Amsterdã Norte, com a proposta do escritório de Rem Koolhaas.

a) Intervenções Pontuais (Edifícios Únicos) em Áreas Urbanas Consolidadas

Arquitetos: Kees de Kat e Peek
Bairro: Jordaan
Ano: 1984

Situado no bairro de Jordaan, do século XVII, destaca-se uma pequena construção que respeita tanto o alinhamento quanto o gabarito determinados pelas divisas laterais, constituídas por edifícios históricos.

Em contraste aos prédios de cerâmica escura, a nova edificação é clara e aberta: conforme Buchanan (A&V 19(1989)), o aspecto gráfico das casas de altos frontões passa pelo tratamento da fachada frontal, que ele define como “tela para moldurar” , como “exercício gráfico” , “um jogo de tramas e proporções, todo ele coroado pelo caligráfico adorno do frontão”. (BUCHANAN, A&V 19(1989), p.5).

No edifício de Kees de Kat e Peek há uma retícula frontal configurada pela estrutura de aço e pelos contraventamentos e que revela a caixa de escada (releitura da legislação de 1905 , que a exigia na fachada frontal da edificação) e as aberturas, que agora acontecem num segundo plano.

Arquitetos: Lucien Lafour e Rikkert Wijk
Bairro: Oosterpark
Ano: 1985

Finalizando um conjunto de edificações do século XIX , surge um bloco, também contrastante em relação às divisas, de cobertura plana, com tratamento volumétrico que passa pela variação de gabarito, dos planos que constituem o alinhamento frontal e pelo tratamento da própria esquina (planos chanfrados), visto que o edifício proposto situa-se entre uma rua e um acesso de pedestres.

Aqui pode-se observar o que várias vezes foi apontado como resolução das elevações das edificações na história da produção habitacional holandesa: a fachada frontal, bastante aberta, voltada à via e a posterior, mais fechada e dotada de balcões, caracterizando uma resolução mais intimista.

Arquitetos: Kees de Kat e Peek
Bairro: Frederik Hendrik
Ano: 1983

Finalizando uma quadra triangular há o edifício de Kees de Kat e Peek: um bloco longitudinal, claro com uma volumetria bastante sóbria “interrompida” por dois acontecimentos: a variação no gabarito (que vai do térreo mais um até o térreo mais três pavimentos) e a justaposição de um outro bloco, de eixo rotacionado e tratamento diferenciado (cerâmica escura) que funciona como um “suporte” para as galerias de circulação interna do edifício, que se revelam despontando nas laterais, além do alinhamento da fachada constituída pelo bloco escuro.

Parece importante ressaltar o recurso tipológico (constituição do edifício) utilizado para ressaltar um elemento da morfologia (a quadra triangular junto ao canal).

b) Intervenções Pontuais (Edifícios Únicos) em Áreas Urbanas Descaracterizadas

Arquitetos: Kees de Kat
Bairro: Norte de Amsterdã
Ano: 1985

Uma sociedade de habitação solicitou ao arquiteto a construção de um edifício de moradia (conjunto Brikslotermeerpleins) em condições bastante difíceis: trata-se de um bloco de unidades habitacionais, disposto em “L” para fechar o vazio urbano destinado ao estacionamento de um centro comercial.

O fato de o grande bloco acontecer em “L” criou uma delimitação clara no território, um limite, um fechamento, podemos assim dizer, entre o canal e o asfalto: esta grande quadra é basicamente ocupada por edifícios comerciais e pelos enormes pátios de estacionamento, o que lhe atribui características bastante diferenciadas dos bairros residenciais de Amsterdã.

O bloco apresenta resoluções que acabam por criar e valorizar, (quando existentes), elementos da própria estrutura urbana: a parte do bloco perpendicular ao canal tem o térreo livre no trecho correspondente à via que foi criada entre o estacionamento e a calçada do edifício, constituindo um pórtico e permitindo a passagem para a via lateral.

O trecho mais longilíneo do bloco é trabalhado em dois planos, no que se refere ao alinhamento e ao tratamento das elevações: o térreo e os dois pavimentos superiores são recuados, tratados com uma cerâmica cinza e demarcados por uma moldura que estrutura uma pontuação

(e uma modulação). No segundo pavimento acontece uma galeria contínua de circulação horizontal que cria um contato visual entre o espaço do edifício e o exterior (o espaço da rua).

Os outros dois pavimentos destacam-se em relação ao alinhamento dos inferiores e recebem um tratamento sem textura mas com uma cor vibrante. Este destaque no volume é sustentado por uma seqüência de pilares esbeltos e altos que acabam delimitando uma sutil “separação” entre o espaço privado do edifício e o público da calçada. A apropriação deste espaço pode ser observada pelo mobiliário ali disposto (bancos).

Mais uma vez, mesmo que em situação urbana diferenciada, podemos observar o tratamento distinto das elevações, no que se refere à frente e aos fundos: são mais sóbrias quando voltadas à via (considerada principal, no caso) e dotadas de mais elementos, menos puristas, quando voltadas aos quintais (balcões “gaiolas” se sobrepõem ao plano recortado por aberturas agora compostas não com tanto rigor). Como o edifício é em “L” o que acontece é que as elevações alternam-se: a frontal da lâmina mais extensa com a posterior da de menor dimensão.

Há, ainda, o tratamento - em termos de volumetria e de aberturas - do momento da inflexão do bloco (ângulo de 90°), onde o plano recuado deixa de existir.

O mesmo tratamento das aberturas das caixas de escada, com as grandes esquadrias, aparece na finalização do grande bloco, que ainda tem os patamares destacados do corpo principal em forma de meio cilindro transparente.

Este projeto revela um pouco como as tradições de desenho de quadra, de separação entre espaço público e privado e de composição gráfica de elementos da arquitetura podem (e são) reinventados em situações urbanas outras, diferenciadas das convencionais e numa nova época.

c)Intervenções de um Conjunto de Edifícios (ou de Blocos de Edifícios) em Áreas Urbanas Cónsolidadas

Arquitetos:	Van Eyck e Bosch
Bairro:	Nieuwmarkt (centro)
Ano:	1983

Bem junto ao canal, o grande bloco recria a quadra, ocupando seu perímetro, mantendo uma entrada, aberta, a um grande pátio interno.

Aqui, mais uma vez, pode-se observar o tratamento diferenciado das elevações (voltadas à rua e as voltadas ao pátio) e a valorização dos espaços do interior da quadra, de dimensão, essencialmente coletiva (mais coletiva ou seja, para o convívio dos moradores, que pública).

Arquitetos:	Van Eyck e Bosch
Bairro:	Jordaan

Ano: 1981

Um conjunto de edifícios, que ocupa de maneira não contígua lotes vazios de duas quadras, foi projetado por Van Eyck e Bosch, reforçando elementos da morfologia existente.

As esquinas são demarcadas pelas paredes chanfradas voltadas ao ângulo de 90° que as ruas configuram, pelos pilares que se destacam (visto que estão no alinhamento do plano dos pavimentos superiores), pela diferenciação de função e pelos volumes das caixas de escada, que acabam por enriquecer a situação urbana de Jordaan.

As edificações seguem o alinhamento das existentes nas quadras, acabando por resultar áreas intersticiais, usadas como pátios e jardins comuns.

Os áticos e as “caligráficas empenas” são redesenhadas, aparecendo as coberturas em abóbodas.

Arquitetos: Theo Bosch
Bairro: Entre canais (junto ao Het Ij)
Ano: 1990 - 1993

O conjunto é claramente constituído por um partido que persegue a geometria da quadra (alí definida por um canal – posterior -, duas ruas – frontal e lateral direita – e por construções já existentes – lateral esquerda), mas introduz algumas novidades: voltado à maior das vias – Houtmankade – o bloco apresenta-se mais maciço, acontecendo no alinhamento da rua, onde aparece o que tem de peculiar em seu programa: os escritórios e o posto de polícia local.

Já os andares superiores mantêm uma outra configuração volumétrica e tratamento cromático anunciando um uso diverso – no caso habitação – aparecendo recuados em relação ao alinhamento da rua Houtmankade.

Os blocos que acontecem nas duas pontas de cada um dos edifícios perpendiculares aos canais, configuram duas novas elevações, uma com empenas planas, ladeadas por balcões arredondados e a outra com volumes mais austeros, cúbicos e alinhados.

A implantação perpendicular aos canais permite a permeabilidade da circulação e do olhar, através dos pátios - espaços de passagem e permanência – viabilizados sobre os estacionamentos (situados em cota inferior à rua).

As elevações voltadas a estes pátios configuram planos ondulados, cortados por duas linhas longilíneas horizontais – as varandas -, além de serem dotadas de aberturas maiores que as dos canais.

Os visuais são muito peculiares, próprios à cidade que junta automóveis a barcos, vias a canais, áreas de estacionamento às de ancoragem, trechos novos que se justapõem a antigos.

d) Intervenções de Mioar Porte em Áreas Novas (Território Conquistado)

Arquitetos: Plano de ocupação: Rem Koolhaas;
Edifícios: Architecten Groep'69, Van Meer, Kees de Kat, Rem Koolhaas e outros
Bairro: Amsterdã Noord
Ano: 1980 –1989

Em área bastante privilegiada, próxima ao centro, do outro lado do canal IJ, foi desenvolvido um projeto de ocupação habitacional pelo escritório OMA, de Rem Koolhaas. Antes utilizada para estocagem e estaleiros navais, a área abriga agora um conjunto de edifícios habitacionais, tendo sido ,

“o plano, desenhado com a intenção de manter a abertura visual das moradias ao canal e à cidade. A geometria existente (a área é triangular) foi utilizada como guia para o desenho da nova implantação, que é dividida em duas partes: uma composta de edifícios mais pontuais e altos e , a outra, de fileiras de casas paralelas, baixas, dispostas perpendicularmente ao canal para deixar livre a vista. No centro deste núcleo uma praça triangular representa o coração do novo bairro”. (PUGLISI, 1997, p.72).

O tratamento dado às elevações dos blocos paralelos, segue a diferenciação tradicional entre frente e fundos, mesmo que em situação urbana distinta (a quadra não é fechada): há vias pavimentadas (essencialmente de pedestres, mas com possibilidade de acesso eventual de veículos e outras com calçada e leito carroçável) para onde se voltam fachadas mais sóbrias, pontuadas pelas portas de entrada; e há pátios jardins, parte usados como extensão dos térreos, parte para uso comum (é também espaço público, porque o acesso é permitido, mas fica claro que se pretende que sejam usadas, como passagem, muito mais as vias pavimentadas).

O coração triangular da área é demarcado por um edifício longilíneo, estabelecendo uma ligação entre os blocos perpendiculares e reforçando a idéia de conjunto . Há possibilidade de transposição pelo térreo, ou seja, ele acaba funcionando como edifício pórtico, de passagem, do centro do conjunto ao canal.

Considerações Finais

Os muitos campos pelos quais navegam as proposições acerca das cidades no contemporâneo, definem-se pelas diferentes visões que se tem , que se formata, a partir da história do pensamento humano: para Koolhaas (apud Nijenhuis, 1992) não é possível proteger a cidade como um monumento histórico. Ela compõe um momento de organização da produção da vida material, das relações de mercado em que a questão das constantes mudanças e, até, de uma certa

estética do desaparecimento, são absolutamente reais, podendo até serem fascinantes. Para ele não há necessidade do planejamento, cujas metas são vistas como expressão do

“medo pela vertigem, pelo deslumbramento que uma metrópole pode criar e isso torna a grande cidade um objeto fascinante em contínua mutação. (...). Campo de objetos postos, lado a lado, no vazio. E nós entenderemos isso melhor, conforme entendermos melhor o vazio” . (Nijenhuis,1992, p.70).

Entendendo ou não o vazio, o que se coloca sempre presente ao arquiteto é a questão de como se munir intelectualmente para propor e, aqui, interessa-nos o tema específico da habitação, para propor formas de morar a partir de um pensamento de cidade, de homem na cidade, de vida coletiva, de espaços de convivência e de referência simbólica que a própria arquitetura possa vir a ser.

Um artigo de Fernández-Galiano, 1997, coloca em dúvida o quanto os arquitetos produzem realmente espaços vivenciáveis ao usuário, quando se trata de projetos habitacionais, e quanto de sua produção – com “rigor plástico, austeridade diagramática das plantas e beleza geométrica e abstrata das fachadas”- é não mais que uma investigação autoral no campo das disciplinas que concernem à arquitetura.

É a partir deste olhar crítico que se pode caracterizar o atual debate habitacional na Holanda mediante 5 argumentos, que são:

1. Busca da continuidade e melhora dos tipos herdados;
2. Atenção a fatores de meio ambiente e materiais locais;
3. Mescla de programas, variedade no alojamento;
4. Exploração construtiva e compositiva das fachadas urbanas;
5. A inevitável polêmica entre habitação de autor e aquelas em que o arquiteto se submete à higiênica disciplina do anonimato. (Fernández-Galiano, 1997, p.4).

O que estas questões colocam em termos de proposições espaciais poderá (e deverá) marcar a produção habitacional contemporânea na Holanda.

Bart Lootsma (Arquitetura Viva nº54, maio/junho 97) destaca no artigo “Inovação e Diferença. Arquitetura e Urbanismo Holandeses dos 90”, o fato de o governo ter financiado e subvencionado a construção de novos alojamentos no pós-guerra (cerca de 70% do patrimônio edificado) e de estar, agora, delegando ao mercado um papel decisivo na produção residencial: a partir de 1994, o Estado deixou de subvencionar a habitação pública, perdoando todas as dívidas das empresas públicas de moradia que, a partir de então, passam a competir no mercado sem

ajuda, ao mesmo tempo em que lança Plano Vinex , que dotará o país de 1,1 milhões de novas habitações. ⁶

Os jovens arquitetos que começam a se destacar no campo da produção arquitetônica holandesa têm enveredado por discussões que passam pelas “forças móveis” (termo usado por Van Berkel y Bos e que corresponde ao entendimento de todas as forças internas e externas que podem desempenhar algum possível papel na gênese de um projeto) ou pela “paisagem de dados” (MVRDV produzem , através de suas paisagens de dados, uma versão ampliada do que se denominava situação de um projeto, onde aparecem visualizados todos os tipos de fatores invisíveis. Mediante a extrapolação dos limites e as possibilidades dos fatores determinantes do projeto, põe-se, em marcha, um processo de negociação do qual, finalmente, resulta um plano. ⁷

Na verdade, o que se tem claro nestas discussões, é a vontade de se compreender os mecanismos tão complexos de auto-realização das cidades contemporâneas, visto que, será cada vez mais nelas, que se transcorrerá a existência social e coletiva dos homens e onde os projetos habitacionais, cada vez mais, têm compromissos com a qualificação, o beneficiamento e a consolidação dos espaços urbanos.

Bibliografia

- GRINBERG, Donald I. Housing in the Netherlands 1900-1940. Delft, Delft University Press: 1982.
- CASCIATO, Maristella. The Amsterdam School. Rotterdam, 010 Publishers: 1996.
- MONTANER, Josep Maria. Después del Movimiento Moderno. Arquitectura de la Segunda mitad del siglo XX. Barcelona, Gustavo Gili:1993.
- KIRSCHENMANN, Jörg C. Vivienda y espacio público. Rehabilitación urbana y crecimiento de la ciudad. Barcelona, Gustavo Gili:1985.
- A & V Monografias de Arquitectura y Vivienda 19(1989). Madrid, AviSa: verão de 1989. Holanda Doméstica.
- El Organismo de la Vivienda en Holanda. Ministerio del Alojamiento y de la Ordenación Espacial. Servicio Informativo. La Haya, 1967.
- NIJENHUIS , Wim . Produção e dissolução da imagem da cidade. Revista Projeto n° 151, Abril de 1992. (com tradução do Prof. Dr. Paulo Bruna)..
- Current trends and policies in housing and building in 1971-1972. Ministry of Housing and Physical Planning, Information Department, the Hague, 1972.
- PUGLISI, Luigi Prestinzenza. Rem Koolhaas. Trasparenze metropolitane. Torino, Testo & Immagine: 1997.
- MERINO ,Domigo. Nove mais um. Retrato de uma geração emergente ; LOTSMA, Bart– Inovação e diferença. Arquitetura e Urbanismo Holandeses dos 90. Arquitetura Viva n° 54, Maio/Junho de 1997. City Map – Amsterdam – Hallwag, 1:17.500.
- AU – Arquitetura & Urbanismo , n° 76, Fev/Mar 98.
- ARQUITECTOS n° 178/179. Publicação mensal da Associação dos Arquitetos Portugueses. Janeiro 1998.
- AV Monographs n° 67 (Set/Out 1997). Vivienda Mejor. Texto introdutório de Luis Fernández - Galiano.

Currículo

Lizete Maria Rubano

R. Mateus Grou, 398, ap. 72 – Pinheiros – CEP 05415-040

Fone: 881.0034

e-mail: lmrubano@mandic.com.br

Formação Acadêmica:

Graduação: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (1977-1981)

Pós-Graduação – MESTRADO – FAUUSP- (1992)

Pós-Graduação – DOUTORADO – FAUUSP- (em andamento)

Atividades de Ensino:

Professora de Projeto IX e X – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (1996-1998);

Professora de Projeto VI – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (1999);

Professora de Projeto I e IV – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Paulista – UNIP –Alphaville (1996-1999);

Professora de Trabalho Final de Graduação (TFG) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Paulista – UNIP –Alphaville (1999);

Professora de Projeto III– Faculdade de Arquitetura e Urbanismo –Universidade Ibirapuera (1998-1999);

Professora de Urbanismo I – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -Universidade de Taubaté (1994).

Atividades profissionais

GAMHA- Grupo de Assessoria a Movimentos Sociais (Ong) – Arquiteto contratado (1995-1997)

Cidade e Democracia (Ong) – Membro Associado (1993);

Diretoria Técnica COHAB-SP – Arquiteto contratado (1989-1992);

Construtora D.F. Coelho – Arquiteto contratado (1987-1988);

Secretaria de Higiene e Saúde – PMSP – Arquiteto (1982 – 1984).

Notas

¹ Ver TAFURI, M. Vienna rossa. La politica residenziale nella Vienna socialista. Milano: Electa, 1980, com nova edição em 1995.

² KIRSCHENMANN, op.cit.

³ GRINBERG, Donald I. Housing in the Netherlands 190- 1940. Delft: Delft University Press, 1982).

⁴ GRINBERG, op.cit.

⁵ BUCHANAN e ISASI – A&V 19(1989) .

⁶ Domingo Merino – Nove mais um. Retrato de uma geração emergente. Arquitetura Viva n.54 maio/junho de 1997. P.37.

⁷ BART LOOTSMA *Arquitectura Viva* 54, maio/junho 97.

[Sumário de Autores](#)

[Sumário](#)

[Sumário de Artigos](#)